



Texto para discussão

286

**PNAD 2015
O retrocesso se explicita**

Waldir Quadros

Fevereiro 2017

Instituto de Economia
UNICAMP



PNAD 2015 – O retrocesso se explicita

Waldir Quadros ¹

1 O comportamento da estratificação social da população

A divulgação pelo IBGE dos dados da PNAD de 2015 revelou um sério retrocesso na estrutura social da população brasileira², tal como se observa na Tabela 1.

Tabela 1
Estrutura social Familiar – (em %) *

Ano	“Padrões de Vida” **				
	ACM	MdCM	BxCM	MT	MIS
2004	6,3	10,2	29,2	30,9	23,4
2005	6,9	10,9	33,0	37,0	12,2
2006	7,6	11,7	34,6	34,7	11,4
2007	8,1	12,8	35,7	33,1	10,3
2008	7,5	12,9	36,9	32,9	9,8
2009	7,6	13,0	38,7	30,9	9,8
2011	7,9	14,0	42,0	27,7	8,3
2012	8,9	15,6	43,0	25,1	7,4
2013	8,5	14,3	44,3	24,8	8,1
2014	9,1	14,8	46,2	23,2	6,6
2015	8,5	14,4	44,4	25,2	7,5

* Não estão contempladas as pessoas de famílias em que algum membro não declarou rendimento. Em 2015 os “ignorados” envolvem 4.739 mil pessoas.

** Os cinco “Padrões de vida” são: Alta Classe Média, Média Classe Média, Baixa Classe Média, Massa Trabalhadora e Miseráveis.

Fonte: PNAD, IBGE.

(1) Professor associado aposentado do IE-Unicamp e Professor da Facamp – Faculdades de Campinas. Nossos agradecimentos à especial colaboração do Prof. Alexandre Gori Maia, do IE-Unicamp, sem a qual a elaboração deste texto seria impossível.

(2) É importante registrar que na metodologia que adotamos para estratificar a população as famílias são classificadas com base na posição do membro melhor situado. Quando um membro alcança uma melhor ocupação toda família é reposicionada para cima, independente da renda per capita. Assim sendo, esta metodologia é bastante sensível às flutuações conjunturais na mobilidade social, tanto nas fases ascendentes como nas descendentes, em que a piora da situação do membro melhor situado pode levar a família toda para uma posição inferior. Por outro lado, o topo da estrutura é a Alta Classe Média, uma vez que os inquéritos domiciliares não captam adequadamente os rendimentos (declarados) dos ricos. A metodologia completa pode ser consultada em <http://www3.eco.unicamp.br/publicacoes>, cf. Quadros, W. *A Evolução da Estrutura Social Brasileira - Notas Metodológicas*. TD n. 147, Campinas, out. 2008.

Examinando a evolução após 2004, verifica-se em 2012 o desempenho mais favorável até então: a Alta e Média classes médias alcançam suas participações mais expressivas; a Massa trabalhadora (pobres) e os Miseráveis, os níveis mais reduzidos.

Em 2013, os primeiros recuos, afastados em 2014 para retornarem com força em 2015. Neste último ano, as participações das duas camadas melhor situadas voltam aos patamares de 2013. Nas duas mais vulneráveis, aos níveis de 2012.

Tomando como base de comparação a situação de 2012, podemos ter uma visão mais clara do retrocesso em 2015 examinando o número absoluto de pessoas envolvidas, tal como se apresenta na Tabela 2.

Antes, porém, um breve esclarecimento inicial. Como temos procedido neste tipo de exercício, alguns cuidados são necessários uma vez que o crescimento da população ao longo dos anos introduz certo “viés” demográfico nesta evolução.

Em poucas palavras, a expansão (ou retração) de uma determinada camada social tem dois componentes: a mobilidade social, que queremos analisar, e o crescimento vegetativo das famílias que já se encontravam nesta camada e que nela permanecem. Para isolarmos o efeito demográfico, simulamos uma “atualização” para 2015 da estrutura social vigente nos vários anos considerados, aplicando a distribuição percentual por camadas sociais destes anos (que estão na Tabela 1) sobre a estimativa do IBGE para o total da população de 2015 (200.122 mil pessoas, já excluídas 4.739 mil por omissão na declaração de rendimentos).

Tabela 2
Estrutura social familiar – (em mil pessoas)

Ano	“Padrões de Vida”					Total
	ACM	MdCM	BxCM	MT	MIS	
2012	17.759	31.256	86.104	50.179	14.824	200.122
2013	17.006	28.709	88.594	49.676	16.137	200.122
2014	18.262	29.701	92.504	46.487	13.168	200.122
2015	17.019	28.793	88.852	50.475	14.983	200.122

Fonte: PNAD, IBGE.

Na Tabela 3 apresentamos a variação anual das populações envolvidas, ficando evidente a magnitude do retrocesso em 2015 (a última linha).

Tabela 3
Variação anual na estrutura social familiar
(em mil pessoas)

Ano	ACM	MdCM	BxCM	MT	MIS
2012 a 2013	- 753	- 2.547	2.490	- 503	1.313
2013 a 2014	1.256	992	3.911	- 3.189	- 2.969
2014 a 2015	- 1.243	- 907	- 3.653	3.988	1.815

Fonte: PNAD, IBGE.

Numa abordagem mais convencional ou “linear”, a retração das três camadas de classe média totaliza 5.803 mil pessoas, que descem para a Massa Trabalhadora e para a camada de Miseráveis.

Entretanto, a nosso ver esta quantificação subestima o contingente de pessoas alcançadas pelo encolhimento dos espaços sociais. E a razão para isto reside em não se levar em conta que se trata de um fenômeno que ocorre “em cascata” e de forma cumulativa, como ilustraremos a seguir.

Tabela 4
Variação na estrutura social familiar
(em mil pessoas)

Variação EM 2015		
”Padrões de vida”	“Linear”	Acumulada
Alta Classe Média	-1.243	-1.243
Média Classe Média	-907	-2.150
Baixa Classe Média	-3.653	-5.803
Massa Trabalhadora	3.988	-1.816
Miseráveis	1.816	
Retração total	-5.803	-11.012

Fonte: PNAD, IBGE.

Como se observa na Tabela 4, o encolhimento da Alta Classe Média foi de 1.243 mil pessoas nas duas abordagens. Admitindo-se, de forma conservadora, que as famílias caem apenas para a camada imediatamente

inferior, para manter sua situação “inalterada” em termos cumulativos a Média Classe Média deveria ter aumentado neste mesmo número de pessoas que desceram da primeira posição. Como, na verdade, ela perdeu 907 mil pessoas, seu retrocesso final foi de 2.150 mil pessoas ($907 + 1.243$).

Pelo mesmo raciocínio, na Baixa Classe Média a retração foi de 5.803 mil pessoas ($3.653 + 2.150$), com o que já temos uma queda acumulada de 9.196 mil pessoas nas três camadas que classificamos como possuindo um padrão de vida de classe média ($1.243 + 2.150 + 5.803$).

Mais uma vez, para manter sua posição original a Massa Trabalhadora deveria ter crescido na mesma proporção da retração da Baixa Classe Média. Como ela se expandiu apenas em 3.988 mil pessoas, seu encolhimento foi de 1.816 mil ($5.803 - 3.988$), que desceram para a camada de Miseráveis.

Com isso chegamos a um contingente total de 11.012 mil pessoas que sofreram mobilidade descendente em 2015!

Este cenário catastrófico ilustra claramente os efeitos da profunda recessão que estamos vivenciando, ainda sem nenhum horizonte seguro de superação.

Em nosso entendimento, ao lado das condições externas desfavoráveis, este quadro resulta, em primeiro lugar, do drástico ajuste fiscal implantado no segundo governo Dilma, contrariando vergonhosamente suas promessas de campanha de um tratamento mais equilibrado. Em segundo lugar também devem ser considerados os impactos nos investimentos e na atividade econômica que a operação Lava Jato provocou na importante cadeia do petróleo.

Prosseguindo na análise, em nossa metodologia as famílias são afetadas pela piora da situação do membro melhor remunerado, que pode ser provocada por seu desemprego ou pela deterioração dos rendimentos daqueles que continuam ocupados.

2 O impacto do desemprego no âmbito familiar

Em primeiro lugar vamos examinar o comportamento do primeiro destes determinantes.

As Tabelas 5 e 6 apresentam a estratificação familiar dos desocupados, ou seja, das famílias a que pertencem, a primeira em porcentagens e a segunda em número absoluto de pessoas.

Tabela 5
Estrutura familiar dos desocupados *
(em %)

Ano	“Padrões de vida”				
	ACM	MdCM	BxCM	MT	MIS
2012	4,8	11,1	38,4	27,3	18,4
2013	4,3	9,7	37,6	26,6	21,7
2014	5,0	9,7	42,5	26,1	16,8
2015	4,1	9,7	41,0	27,9	17,3

* Não estão contemplados os desocupados de famílias em que algum membro não declarou rendimento. Em 2015 os “ignorados” envolvem 221 mil pessoas.

Fonte: PNAD, IBGE.

Tabela 6
Estrutura familiar dos desocupados
(em mil pessoas)

Ano	“Padrões de vida”					
	ACM	MdCM	BxCM	MT	MIS	Total
2012	356	813	2.825	2.009	1.357	7.360
2013	336	753	2.924	2.069	1.687	7.769
2014	428	830	3.650	2.241	1.442	8.592
2015	470	1.103	4.684	3.180	1.977	11.414

Fonte: PNAD, IBGE.

Para simplificar a análise passemos imediatamente para a Tabela 7, que apresenta a variação anual do número de pessoas desempregadas por camada social³.

(3) Alertando que, ao contrário, do que fizemos anteriormente com a evolução da população, agora se trata de quantificações “lineares” de **indivíduos**.

Tabela 7
Variação anual na estrutura familiar dos desocupados
(em mil pessoas)

Ano	ACM	MdCM	BxCM	MT	MIS	Total
2012 a 2013	-20	-60	99	60	330	409
2013 a 2014	92	77	726	172	-245	822
2014 a 2015	41	273	1.035	939	535	2.823

Fonte: PNAD, IBGE.

Como se verifica neste triênio, o crescimento do desemprego total em 2015 dispensa maiores demonstrações de sua gravidade, afetando 2,8 milhões de pessoas em idade ativa.

Por outro lado, e como era de esperar, as três camadas inferiores concentram a maior parte deste contingente, sobressaindo a situação das famílias da Baixa Classe Média, com um milhão de novos desempregados, e da Massa Trabalhadora, com mais de 900 mil.

Merece enfatizar, mais uma vez, que este desempenho do desemprego é que “puxa” as famílias para as posições inferiores na estrutura social.

3 O impacto da deterioração do emprego no âmbito familiar

Em segundo lugar passemos à análise da deterioração das condições dos membros ocupados, em íntima ligação com o fenômeno do desemprego.

As Tabelas 8 e 9 apresentam a estratificação familiar dos ocupados, a primeira em porcentagens e a segunda em número absoluto de pessoas.

Tabela 8
Estrutura familiar dos ocupados * – (em %)

ANO	ACM	MdCM	BxCM	MT	MIS
2012	10,8	18,6	46,8	19,7	4,0
2013	10,5	17,1	48,5	19,8	4,1
2014	11,1	17,7	50,0	17,7	3,6
2015	10,5	17,4	49,0	19,3	3,8

* Não estão contemplados os desocupados de famílias em que algum membro não declarou rendimento. Em 2015 os “ignorados” envolvem 221 mil pessoas.

Fonte: PNAD, IBGE.

Aqui também fica evidente a deterioração nas condições do mercado de trabalho provocada pela forte recessão que se inicia em 2015 (e que continua em 2016). Na verdade, este resultado pode ser tomado como um dos principais objetivos dos formuladores da política econômica recessiva.

Como se verifica na Tabela 10, a ocupação total retrocede em 2,1 milhões de postos de trabalho em 2015. Só nas famílias da Baixa Classe Média a perda foi de dois milhões. Na Alta Classe Média de 740 mil e na Média de 620 mil. Apenas nas duas camadas pior situadas o emprego cresce, o que igualmente reflete a crise do mercado de trabalho.

4 A piora nos rendimentos das famílias

Obviamente, todos estes aspectos da piora na estratificação social das famílias se refletem no comportamento de seus rendimentos.

Indo direto ao ponto, pela primeira vez desde 2003 os rendimentos familiares declarados recuam em 2015. É o que se observa na Renda familiar per capita (Tabela 11), na Renda familiar média (Tabela 12) e na Renda familiar total, ou seja, no montante global de rendimentos mensais da população captados pela PNAD (Tabela 13).

Verifica-se que nas três medições os rendimentos caem em todas as camadas sociais, à exceção da Renda familiar total em que seu crescimento na Massa Trabalhadora e entre os Miseráveis decorre da expansão destas camadas na população, por força da mobilidade descendente nas camadas melhor situadas.

Tabela 11
Renda familiar per capita – (em R\$)

“Padrões de vida”	2014	2015	Variação %
Alta Classe Média	4.563	4.356	-4,6
Média Classe Média	1.660	1.603	-3,4
Baixa Classe Média	798	774	-3,0
Massa Trabalhadora	427	418	-2,1
Miseráveis	101	96	-5,4
Renda Média Global	1.137	1.057	-7,0

Fonte: PNAD, IBGE. Valores a preços de outubro de 2015.

Tabela 12
Renda familiar média – (em R\$)

“Padrões de vida”	2014	2015	Variação %
Alta Classe Média	12.879	12.246	-4,9
Média Classe Media	4.831	4.647	-3,8
Baixa Classe Média	2.361	2.275	-3,7
Massa Trabalhadora	1.168	1.142	-2,2
Miseráveis	282	271	-3,8
Renda Média Global	3.267	3.022	-7,5

Fonte: PNAD, IBGE. Valores a preços de outubro de 2015.

Tabela 13
Renda familiar total – (em R\$ milhões)

“Padrões de vida”	2014	2015	Variação %
Alta Classe Média	81.451	74.126	-9,0
Média Classe Media	48.181	46.153	-4,2
Baixa Classe Média	72.144	68.780	-4,7
Massa Trabalhadora	19.408	21.118	8,8
Miseráveis	1.304	1.437	10,2
Total	222.488	211.613	-4,9

Fonte: PNAD, IBGE. Valores a preços de outubro de 2015.

5 Perspectivas para 2016

Para finalizar este breve ensaio podemos alinhar, em grandes linhas, as perspectivas para o cenário que deverá ser apresentado pela PNAD de 2016, a partir do comportamento já revelado pela PNAD Contínua trimestral.

Embora as metodologias dos dois inquéritos sejam um pouco distintas, e a PNAD Contínua englobe apenas a situação dos indivíduos ocupados (e não de suas famílias), o desempenho ao longo dos três trimestres de 2016 já fornece indicações razoavelmente seguras de uma reprodução do retrocesso de 2015 ou mesmo de um agravamento.

A Tabela 14 apresenta as variações absolutas no número de indivíduos ocupados no terceiro trimestre de cada ano em relação ao mesmo período do ano anterior. Este trimestre foi escolhido devido ao fato de que a PNAD anual

é realizada na última semana de setembro de cada ano, permitindo que estabeleçamos alguma correspondência entre elas.

Tabela 14
Variação anual na estrutura individual dos ocupados
(em mil pessoas)

Período	“Padrões de vida”					
	ACM	MdCM	BxCM	MT	MIS	total
3º Trim.2015/14	352	493	-663	882	-1.626	-561
3º Trim.2016/15	-1.039	419	-2.536	1.023	1.293	-839

Fonte: PNAD Contínua trimestral, IBGE.

Como os dados revelam, é visível a piora nas condições dos ocupados em 2016 em comparação com 2015.

De fato, a retração no total de ocupados é maior, assim como na Alta Classe Média e ainda mais na Baixa Classe Média.

Além disso todos os indicadores apontam o crescimento do desemprego ao longo de 2016.